



KEVIN PIZARRAS: SIM NA FIDELIDADE AO FUTURO

Quando tantas opções de vida se apresentam com a marca do provisório, há outras com a marca *do total e para sempre* que continuam a escrever páginas no livro da vida.

É o sim do Kevin Pizarra na fidelidade ao futuro que o diz. Nem a pandemia, que a tantas limitações tem obrigado, foi capaz de impedir este sim com sabor da eternidade no tempo.

Quantas marcas desfeitas pelos ventos! E quantas outras que nem as tempestades da vida conseguem apagar! É nestas que se entende o 24 de maio de 2020 para o Kevin Pizarra. Foi na manhã daquele domingo que, na casa de formação, em Lisboa, ele disse o sim da sua profissão perpétua na Congregação do Verbo Divino.

p. 12

PÂNICO, MEDO E FUGA PARA O MATO

Ataques de grupos armados na região de Cabo Delgado, Moçambique, provocam morte, pânico, medo e fuga para o mato. Aponta-se já para 200.000 deslocados.

Moacir Rudnick, missionário do Verbo Divino ao norte de Moçambique, acompanha o povo que vive no meio desta calamidade.



p. 8

SOLIDARIEDADE ENTRE GERAÇÕES

Em diversos momentos e situações, o Papa Francisco tem sublinhado a ideia bonita que aparece logo do início do capítulo 3 da profecia de Joel: *Os vossos anciãos terão sonhos e os vossos jovens terão visões.*

Nesta linha, e atento aos desafios deste tempo, Bernardino Silva oferece-nos uma boa reflexão sobre a temática oportuna da indispensável solidariedade entre gerações em ordem à construção de um mundo mais humano.

SINAIS

Em *Missão por cá* (páginas 3 a 5), o leitor poderá encontrar alguns dos sinais da vida que vai acontecendo onde os Missionários do Verbo Divino vão caminhando em proximidade com as realidades do povo deste país. Quais *mantas e toalhas nas varandas e nos muros ou pétalas de flores a colorirem mantos brancos*, assim são apresentados alguns desses sinais.

PENSAMENTO

SANTO ARNALDO JANSSEN

Que a santa vontade de Deus seja bendita para sempre!
Devemos adorar esta vontade e abraçá-la com amor, se queremos agradecer a Deus.

O CROCODILO QUE ACABOU EM LONTRA

JOSÉ MARIA CARDOSO
Superior Provincial



O bicho teria entre quatro e seis metros e pesaria cerca de meia tonelada. Igualzinho aos do Nilo, disseram os rapazes. Tinha sido visto na margem, não se sabe bem se a palitar os dentes ou a limar as unhas, mas é mais provável que estivesse a coser os botões do casaco porque nas águas frias do Douro, bicho do Nilo, não anda sem agasalho. Mas que foi visto, foi! Que estava ali, estava! E, palavra de honra, eu fique aqui ceguinho, se isso não é verdade.

Os espanhóis pegaram logo no maior anzol que havia em Espanha e meteram ao rio a Armada Invencível. Nós, os portugueses, começámos a aquecer as forjas e a bater o ferro nas bigornas, para os necessários arpões, não fosse o egípcio bicho vir por aí, Douro abaixo até ao Porto, e ter vontade de comer tripas na Ribeira.

Mas, ao estudar melhor os vestígios deixados na esplanada onde teria estado, chegou-se depressa à conclusão que, a ser réptil, não passaria de um lagarto e o mais certo era ser lontra. A pelagem encontrada junto aos restos do peixe não seria, com certeza, de ele ter limpado os bigodes no fim da ceia.

Já por aqueles lados se tinham visto gigantes onde, afinal, só havia moinhos. O feroz crocodilo seria, na realidade, uma simpática lontra.

É assim a vida: quantas vezes projetamos com dimensões de crocodilo para acabarmos por ter só do tamanho de lontra? É assim nos nossos projetos pessoais; é assim na família sonhada; é assim, quando almejamos vinte para podermos atingir dez. A realidade vai fazendo diminuir os sonhos, mas isso não tem mal. O importante é termos sonhado. É o sonho que eleva a vida da apatia do chão. A isto chama-se otimismo, empreendedorismo, resiliência. Pior seria se, ao fim de um dia, se depois de um ano, se ao fim da vida, nos déssemos conta que nem crocodilo nem lontra.

Sonhemos grande e alto, que só o chão nasceu para ficar onde está. •

AS VIDAS da minha vida MANUEL SOARES

J. Jesus AMARO



Nasceu na Bajouca, uma freguesia do concelho de Leiria. Conheci-o nos anos sessenta do século passado, quando ele era um estudante de teologia no convento dos dominicanos em Fátima, embora pertencesse à congregação do Verbo Divino.

Eu tinha entrado na SVD em Fátima para me tornar um irmão missionário, pois na altura quem não tinha posses também não tinha vocação,



como me disse um espírito esclarecido da altura. E o ti Álvaro e a ti Deolinda tinham fartura de filhos, mas carência de meios para os criar e educar.

Cheguei a Fátima juntamente com o companheiro de escola, António

Luís dos Anjos Santos. O pai dele, sr. José Domingos, é que nos orientou pelos trilhos do comboio entre Castelo Branco, a nossa capital, e Fátima (= Chã de Maçãs), o nosso destino. Ultrapassadas as dificuldades do Rubicão beirão, a nossa amada Gardunha, ficámos com residência fixa em Fátima. No primeiro ano as coisas não foram famosas em termos de formação. Repetimos os saberes da quarta classe e tivemos umas envernizadelas de religião, de música e de ginástica (nesse tempo ainda desconhecidas no Violeiro). Daí que a “moquita” tenha trabalhado muito... As minhas mãos que o digam. E, assim, em vez de mãos elegantes de dedos finos à pianista restaram umas mãos sapudas, incapazes de dar uma oitava.

Foi nesta altura que conheci melhor o ainda estudante Manuel Soares. Ele fez um estágio de um ano no SVD de Fátima, trabalhando como vice-prefeito com o padre Fernando Gross. Tinha uma grande capacidade organizativa e era, em linguagem de hoje, um grande empreendedor. Desse conhecimento nasceu uma sólida amizade. A sua vida foi de uma ajuda enorme a um rapazito vindo do meio do mato, do meio dos pinheiros e das giestas..., de uma aldeia sem eletricidade, sem água canalizada, sem estrada de acesso, sem esgotos... sem tudo!

A entrar na adolescência e a viver num mundo meio estranho, o padre Manuel Soares ajudou-me a combater uma doentia timidez, que me obrigava a dar uma enorme volta, para não me encontrar com certas pessoas, as quais sempre viram com muito pouca simpatia os meus cabelos compridos e pouco alinhados, além de uma barbicha irritante que nasceu cedo, mas que teimava em crescer devagarinho, para desgosto meu e incómodo do prefeito que me ofereceu uma gilete quando fiz 14 anos. O desenvolvimento físico e psíquico também precisava de esclarecimentos e orientação e ao Manuel Soares devo uma orientação esclarecida e amiga, que muito me ajudou.

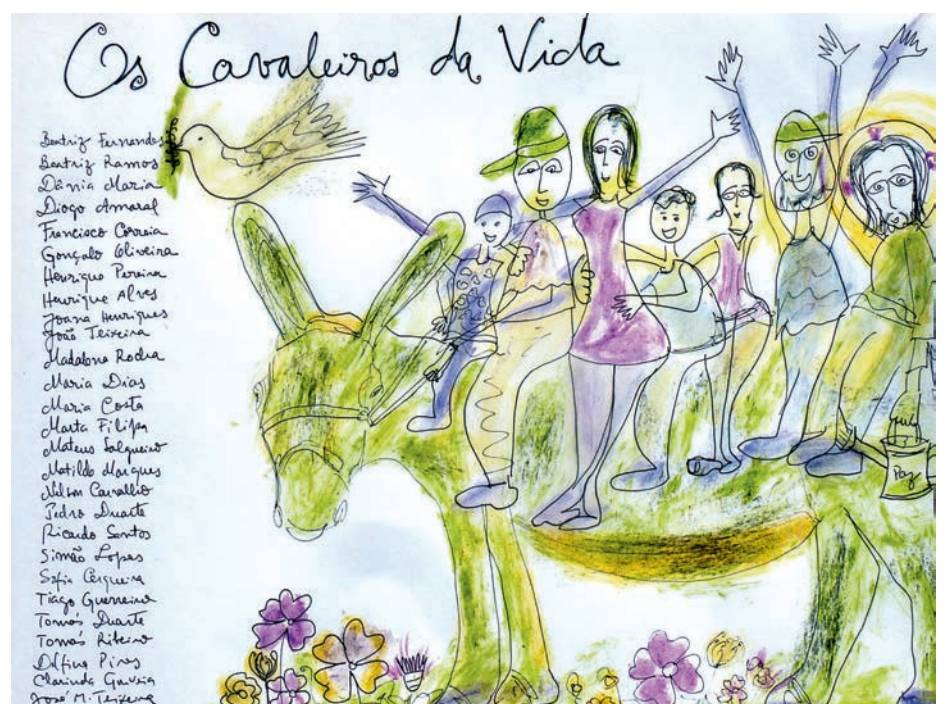
Também tivemos alguns “desencontros”, sobretudo quando ele foi eleito provincial. Mas nada que ensombrasse a minha gratidão, consideração e admiração. Honestamente, posso dizer que o padre Manuel Soares foi a pessoa que mais me ajudou... a ser o que sou hoje. E se não sou melhor, de certeza que não foi por culpa dele, mas por incapacidade minha. “Adeus, Manel!” Nem tempo tive para te dar um abraço de despedida...; fui à tua querida Bajouca despedir-me, juntamente com muitas outras pessoas, a quem também ajudaste com a tua vida...

O REGADOR DA PAZ

JOSÉ M. TEIXEIRA

Os cavaleiros da vida são todos os meus alunos, alunas, amigos e amigas, que estão a trabalhar à distância por causa do Covid-19 e que sonham poder voltar a cavalgar pelo mundo, sem problemas, distribuindo tudo o que há de melhor dentro deles; paz, água de beber, amor, amizade, alegria, abraços, ajuda, sorrisos, histórias, cuidado... e esperança. Jesus vai connosco e não nos falta com a água viva que só Ele é. Esses nomes são alunos com quem trabalhava de 15 em 15 dias – da minha colega Professora, Delfina Pires, 2ªA. São miúdos especiais.

Pinte este desenho com ervas e flores do monte.



INTENÇÕES DO PAPA

Agosto

Rezemos por todas as pessoas que trabalham e vivem do mar, entre elas os marinheiros, os pescadores e suas famílias.

Setembro

Rezemos para que os recursos do planeta não sejam saqueados, mas partilhados de forma justa e respeitosa.

MISSÃO POR CÁ

CHARLIE BARDAJE, COORDENADOR DE MISSÃO POR CÁ

REGRESSOU A CORAGEM AO TORTOSENDO

Depois de termos fechado as portas no dia 15 de março, voltamos a abri-las a 31 de maio, solenidade do Pentecostes. Formámos duas equipas para o acolhimento e higienização da igreja paroquial. Estas duas equipas têm desempenhado o seu serviço com responsabilidade e capacidade de discernimento, criando as condições adequadas para as celebrações. Fica o testemunho de Fernanda Raposo, da paróquia de Tortosendo. Diz ela que, “durante este tempo, senti-me muito apoiada e acarinhada pelos meus filhos e netos. Acho maravilhoso o reinício das celebrações da Eucaristia, mas tive receio de ir à igreja nos primeiros domingos do seu reinício. Durante o tempo de encerramento da igreja, continuei a “participar” na Eucaristia, regularmente, em casa, através dos meios de comunicação. Decorrido algum tempo, arranjei coragem para ir à igreja”. A concluir, o seu conselho: “É preciso vivermos a nossa fé com mais intensidade e confiança”.

Devendra Bhuriya



ENTRE LÁGRIMAS E SORRISOS NA SERRA DE SANTO ANTÓNIO

A pandemia trouxe o cancelamento de celebrações, o adiamento de encontros familiares e, em muitos casos, o isolamento inevitável.

Mas, no dia 31 de maio, Maria saiu do seu altar e percorreu todas as ruas da Paróquia da Serra de Santo António e do pequeno lugar A-do-Sacho.

Como a mãe que visita os seus filhos, foi assim que Maria foi recebida em cada casa. Cada altar foi preparado com todos os pormenores. Simples e autênticos, como se fossem a voz da fé de cada família. As mantas e as toalhas nas varandas e nos muros enaltecem o momento. As pétalas das flores coloriram os mantos brancos. Mas a magia, essa permaneceu no olhar sentido e nos gestos



de entrega de cada pessoa que esperava Maria. Não é fácil encontrar palavras para descrever as emoções deste encontro. Para uns foi um reencontro saudoso, para outros a prece pela família distante, ou ainda uma introspeção sobre a vida e sobre a esperança. Muitos outros certamente agradeceram a dedicação de tantas pessoas aos doentes. Cada um sentiu à sua maneira, no seu silêncio, entregue às suas lágrimas ou sorrisos, num diálogo discreto com o coração maternal de Maria.

Poder proporcionar estas emoções tem um sentido inexplicável. Maior que nós mesmos.

Marlene Carvalho

MINDE E A CATEQUESE ONLINE

Embarcámos na aventura da catequese online, promovendo diversas atividades. Dois meses deu para conhecer melhor o grupo do 7º ano, apesar de não dar para os abraçar, beijar e olhar nos olhos para ver se estavam tristes ou felizes.

Houve também a crítica de que com isto era para massacrar ainda mais os miúdos, que já andavam toda a semana com aulas online. Tive a tentação de desistir, mas troquei a palavra massacrar por evangelizar.



O meu nome é Carolina e faço parte de um grupo que, durante a quarentena, teve catequese online. Foi uma experiência muito boa. Era um momento de partilha e união. Continuamos sempre juntos, apesar de virtualmente; fizemos jogos, desafios, tarefas, vídeos, rezamos. Quando tudo mudou no nosso dia-a-dia, a catequese continuou lá e isso é muito bom.

Como mãe da Carolina, achei esta iniciativa muito louvável. Sei que foi um grande esforço por parte das catequistas que tiveram de adaptar-se e preparar conteúdos, mas o mais importante foram os laços de amizade e a partilha de vida que mantiveram num momento de tanto isolamento.

Inês Santos

BAIXO-VOUGA EM NOVO NORMAL

Muita gente anda à procura da maneira como viver dentro daquilo que se considerava normal. Assim também como Igreja, andamos à procura do como viver e celebrar a fé nestes tempos difíceis.

O mês de Maria foi vivido com gestos bem ternurentos. Alguns momentos marcantes aconteceram ao ar livre.

Ao retomar as celebrações litúrgicas, as paróquias prepararam as igrejas e outros espaços para possibilitarem uma adequada participação das pessoas, observando as medidas recebidas das autoridades. É uma alegria estarmos de novo juntos a celebrar a fé nas nossas igrejas, embora mantendo o distanciamento social.

João Vianey Fuka

MISSÃO POR CÁ

GUIMARÃES SENTIU COMO DEUS CAMINHA CONNOSCO AO COLO

Os Missionários do Verbo Divino em Guimarães disponibilizaram a casa para “Centro de Acolhimento de Isolamento”, tendo em vista “acolher pessoas em situação de particular vulnerabilidade, sem reatguarda familiar e/ou possibilidade de o fazer em condições apropriadas nas suas habitações, que precisem de cumprir períodos de isolamento ou quarentena”.

As voluntárias, com a formação recebida, arriscaram-se a “cuidar das pessoas vulneráveis, a acompanhá-las ao ponto de minimizar os problemas psicológicos”, uma vez que “a presença faz toda a diferença”. E “quem ama procura e inventa formas de estar com aqueles que sofrem”. O sentimento de solidariedade ajuda a “libertar as pessoas vulneráveis do seu sofrimento. Os pequenos gestos fazem toda a diferença”.

“Sentir-se necessário e útil” onde as circunstâncias o exigem foi também um incentivo. Na experiência de servir, a noção de “outro/de próximo” ganha fôlego. “A nossa vida é sempre para o outro”. Os que sofreram são “pessoas iguais a nós”.



As voluntárias não entraram em pânico, nem em desespero. “Sentimos que estamos nas mãos de Deus e Ele caminha connosco ao colo. Sentimo-nos tocadas por Deus, porque acreditamos que Ele está com aqueles que sofrem”. A dor do Homem é a dor de Deus; “Ele toca-nos e toca nas nossas feridas, cura-as. Por isso, não podemos fugir do sofrimento, das feridas”. Coexistem “dúvida e certeza”, sendo que “a fé em Deus faz-nos mais sólidas e seguras”. O maior “alívio” foi quando as

pessoas doentes receberam o resultado negativo. Contudo, isto não significa o fim de tudo. “É preciso não esquecer o risco de contágio. A melhor forma de cuidar do outro é não correr o risco de contágio”, o que requer “manter o objetivo comum: o distanciamento social, higienizar as mãos, usar máscaras. É preciso prevenir, antes de remediar”. A forma de amar o outro tem de ter âncora protetora. “Quem ama o outro protege-o e protege-se”.

Damião Lelo

SOLIDARIEDADE INVISÍVEL EM ALMODÔVAR

E, de repente, tudo parou. Apenas funcionavam os serviços essenciais. Neste contexto, o que queria sublinhar é o sentido da solidariedade. Procurámos manter o contacto com os colaboradores nas comunidades paroquiais através do telefone. Uma maior atenção aos que vivem sós. Houve pessoas nas paróquias que ficaram atentas aos outros.

Fomos também contactados para ver como estávamos. Recebemos essa atenção e recebemos também contribuições para o nosso sustento.

Esta rede invisível dos laços de amizade e de solidariedade fortaleceram-se nos momentos da oração e da eucaristia vividas em comunidade, tendo como intenção as vítimas desta pandemia, as

forças vivas da luta e do combate ao inimigo comum sem rosto, e a cada um dos nossos paroquianos. Manifestamos a nossa gratidão pelos gestos invisíveis a muitos, com que fomos também contemplados. Fomos “obrigados” a andar mais devagar, apreciando cada momento, voltar à “fonte”.

Feliciano Sila



ISOLADOS, MAS NÃO PERDIDOS... COM SÃO TORCATO

O confinamento e o encerramento das igrejas constituíram um terremoto na convivência e na prática do culto. Foi preciso ficar em casa e arranjar um espaço para a oração e a Eucaristia; um de nós vai buscar ao Seminário a comida; ficamos mais disponíveis para o encontro comunitário; deitamos a mão àquilo que na lufa-lufa do dia-a-dia ficava para trás, como o registo informático dos atos paroquiais.

Foi preciso imaginar uma alternativa para não desaparecermos da vida das comunidades. Veio o recurso às tecnologias da comunicação. Fomos indicando aos paroquianos



a oportunidade de promoverem a “igreja doméstica”, servindo-se dos meios de comunicação, incluindo algumas celebrações transmitidas diretamente da igreja paroquial, via facebook.

Entendemos melhor as razões dos mártires de Abitene quando respondiam ao magistrado: “Nós não podemos viver sem o Domingo”; já nos fomos apercebendo que, para algumas pessoas, este confinamento lhes trouxe um profundo sofrimento espiritual, não se tratando de um devocionismo epidérmico, mas de algo que tem um lugar fundamental na vida da pessoa.

Valentim Gonçalves

MISSÃO POR CÁ

LISBOA ONLINE

A comunidade procurou viver mais intensivamente com a adoração diária ao Santíssimo Sacramento. Foi possível também a transmissão das celebrações dominicais via youtube e facebook.

O efeito da pandemia na vida académica é inegável. Com as aulas presenciais canceladas e os estudantes (de teologia e da língua portuguesa) consignados a ter aulas online, cada um tem vivido uma experiência fora do normal.

Para o Casimiro Bokovi, estudante de língua e cultura portuguesa, foi uma experiência

única. Aprender a língua e a cultura portuguesa todo o dia dentro de casa! Para o Emmanuel Abeam, estudante de teologia, o ritmo mudou; sentia-se a falta de interação com os colegas.

No dia 24 de maio celebrámos a renovação de votos de Daniel Mateque, Fabian Cofie e Emmanuel Abeam, assim como a profissão perpétua do Kevin Pizarra. Foi uma celebração inesquecível. Fabian Cofie



TRAVESSIA DO DESERTO EM FÁTIMA

É bastante confuso vivermos sete irmãos do Verbo Divino numa casa que foi preparada para acolher grandes grupos!

Com a situação dramática da pandemia, os dias de Páscoa e 13 de maio foram vividos como a travessia de um deserto. Tudo estava fechado e as pessoas obedeceram às ordens de ficar em casa. Fátima é um centro com muitos lares de idosos, mas o vírus apenas fez estragos numa dessas estruturas.

Reunimos para adaptar o horário à nova realidade. Nas nossas orações, unimo-nos às vítimas da pandemia e a todos os que cuidam delas. Aceitou-se a proposta de termos cada 4ª feira um tempo de reflexão. Os temas foram escolhidos por cada um.

Fomos ocupando o tempo com leitura, estudo, trabalho de limpeza no parque e serviço da cozinha. Temos a graça de ter um parque e um espaço grande à volta da casa. Viver o confinamento dessa forma, não tem nada ver com o enorme sacrifício de quem vive encerrado num apartamento.

Jorge Fernandes

NISA E A OUTRA MARGEM

Desde a experiência da Covid-19, é frequente a afirmação de que nunca mais voltaremos ao modo do anterior viver. As próprias comunidades cristãs terão de se adaptar aos novos desafios que o Espírito lhes propõe. Creio que é esta a nova realidade que teremos de experimentar.

Até final de junho não houve no concelho de Nisa nenhum caso de infeção. Isto é admirável, tanto mais que no concelho temos nove lares da Terceira Idade.

Quanto à participação da Missa dominical não há grandes alterações em relação ao tempo anterior. Contudo, só agora as crianças começaram a

aparecer, mas em pequeno número; as festas foram suprimidas; suprimidos foram quase todos os batismos, casamentos e, até, o crisma. A visita pastoral do senhor Bispo, que estava a decorrer antes do confinamento, poderá recomeçar no outono.

Desafio grande está a ser a programação do próximo ano pastoral. Parece que o Espírito nos vai segredando que será preciso descobrir novos caminhos. É necessário estarmos atentos à sinalética que Ele nos vai propondo...

Joaquim Valente



ENCONTRO NACIONAL DOS ANTIGOS ALUNOS DO VERBO DIVINO

Fátima, 5 e 6 de setembro / 2020

PROGRAMA do ENCONTRO

Sábado / 5 setembro

- 14h30 Acolhimento pela Direção da AAVD e Check-in dos quartos
- 17h30 Ensaio de Cânticos na Capela
- 18h30 Eucaristia
- 19h45 Jantar
- 20h30 Tempo livre/Terço na Capelinha
- 22h30 Serão cultural com convívio e ceia

Domingo / 6 setembro

- 10h00 Assembleia-Geral Ordinária da AAVD – Anual e Trienal (Eleitoral)
- 12h30 Foto de Grupo
- 13h00 Almoço

Atenção – Check-out dos quartos até às 12h00, ficando as malas guardadas na Recepção.

Inscrições e reservas:

Para alojamento é obrigatório fazer reserva – de 27 julho até 5 agosto 2020 com:
 – **Eduardo Moutinho Santos: Tlm e SMS 939 751 731 e e-mail: moutinhosantos-2044p@adv.oa.pt – e/ou**
 – **António Pinto: Tlm 963 987 686 e e-mail: pintolivia@sapo.pt – e/ou**
 – **Recepção do “SDivine Hotel” – Telf: 249 532 163 – Tlm 913 124 155) indicando tratar-se de: Reservas da AAVD**

PS: Após a **data-limite** indicada, as Reservas serão feitas diretamente com a Recepção, ficando o alojamento sujeito às disponibilidades do hotel.

NOTA 1: Reserva já a data na tua agenda. As condições de alojamento serão indicadas no Lux Mundi ou através dos contactos indicados.

NOTA 2: Após obras de remodelação total das instalações interiores do antigo seminário, este foi transformado no **SDivine Fátima Hotel “de 4 estrelas”** com todas as condições de acolhimento.

KEVIN PIZARRAS: SIM NA FIDELI

Faltavam ainda alguns dias para o mês de maio se despedir, quando os Missionários do Verbo Divino, em Lisboa, viveram um dia de festa. O calendário civil marcava o dia 24 e o litúrgico a festa da Ascensão do Senhor. Na capela do Seminário, acontecia a renovação de votos religiosos de alguns seminaristas, o que já era um bom motivo de festa. Mas, a marca que ficaria gravada para sempre era bem mais forte: a profissão perpétua do Kevin James Pizaras.

ENTREVISTA ANTÓNIO LEITE

De que falamos quando dizemos profissão perpétua?

Há muitos caminhos para responder ao chamamento de Deus e seguir o Senhor Jesus. Cada um tem a sua vocação e missão. Para um religioso, e neste contexto de um religioso verbita, é viver os votos de pobreza, castidade e obediência segundo as Constituições da Congregação do Verbo Divino. Depois do noviciado, um tempo próprio de preparação espiritual, o religioso faz os primeiros votos. Durante o tempo de formação, esse compromisso é

renovado anualmente. A profissão dos votos perpétuos é a entrega total e para sempre.

Que significou realmente este dia para ti?

Como religioso e missionário do Verbo Divino, foi o dia mais significativo para mim. A entrada no noviciado a 1 de junho de 2011, os primeiros votos a 2 de junho de 2012 e os votos perpétuos a 24 de maio de 2020 são os três fios que formam o tecido dos dias mais marcantes da minha vida como religioso-missionário do Verbo Divino. De notar que, além de ser a solenidade da Ascensão do Senhor, era também a festa de Nossa Senhora de Guadalupe, Estremadura,

Espanha. Trata-se de uma devoção que foi levada para Bohol – a minha ilha –, nas Filipinas, pelos missionários espanhóis no século XVI. Sou um grande devoto mariano!

Estando tu em Lisboa e a tua família nas Filipinas, parece que a tua gente assinalou mesmo esse dia. Como foi isso?

Foi uma pena a minha família não poder vir e estar comigo nesse dia tão especial. No entanto, graças à tecnologia, foi possível outro tipo de presença. A ideia era que a minha família acompanhasse pela internet em casa. Sucedeu que os missionários do Verbo Divino da *Holy Name University*, em Bohol, tomaram a iniciativa de convidar a minha família para assistirem juntos à celebração e fazerem um convívio na comunidade. Bonito! Devo dizer que fiquei profundamente comovido e agradecido por este gesto lindíssimo destes verbitas! Sentia-me unido a todos eles, ainda que longe fisicamente.

A Congregação do Verbo Divino na tua vida. Quando e como começou esta relação?

Não posso falar da Congregação do Verbo Divino sem falar primeiro da Congregação das Irmãs Missionárias Servas do Espírito Santo. Devo-lhes a minha educação primária e secundária. Aos quatro anos, comecei a estudar no Colégio das Irmãs, em Bohol. A minha fé cristã foi alimentada na família e na paróquia. A marca missionária foi acontecendo na formação no Colégio das Irmãs. Fui acompanhado no meu discernimento vocacional por algumas Irmãs. Os Padres Verbitas vinham para celebrar a Missa, mas foi através de um Irmão verbita que cheguei ao Seminário. Na minha família alargada, há padres verbitas e diocesanos, assim como uma Irmã Serva do Espírito Santo e outras Irmãs de diversas Congregações.

Sendo natural das Filipinas, estás em Portugal há alguns anos. Quando chegaste? Recordas ainda as primeiras impressões?

Já lá vão quase seis anos desde que cheguei a Lisboa. Foi no dia 1 de outubro de 2014. Era a minha primeira viagem internacional. Estava entusiasmado e um pouco nervoso. No aeroporto, a primeira frase portuguesa que li numa publicação foi: “quando chegares, não te esqueças de onde partiste”. Palavras sábias para lembrar!

A caminho do seminário, fixei-me

atentamente nos prédios, nas árvores, nas pessoas e até no céu. Portugal era um mundo completamente diferente! A partir dali, começava a ver, ouvir, saborear a língua e a cultura portuguesa. No seminário, comi a sopa portuguesa pela primeira vez. E, claro, não comer arroz ao pequeno-almoço foi um grande desafio logo no início!

Como foste descobrindo e abraçando os desafios numa realidade cultural nova?

Tive uma formação para os novos missionários no Instituto Missiológico do Verbo Divino, em Tagaytay. Contudo, a minha preparação começou logo quando recebi a boa notícia da vinda para Portugal. Não procurei muitas informações sobre o país para evitar preconceitos ou criar falsas expectativas. Fui deixando o meu coração aberto para abraçar a novidade que o novo mundo me presentearia.

Recordo agradecido o que recebi como ajuda dos membros da comunidade. Não poderei esquecer que, além das aulas na Faculdade de Letras, tinha aulas com o P. Carlos Coutinho.

Durante este tempo, a Universidade Católica marcou a tua formação. Como avalias estes anos de formação/preparação para a missão?

A Faculdade de Teologia é, de facto, internacional, diversa e rica culturalmente no contexto da Universidade Católica. Durante os meus estudos, para me enquadrar no plano da Faculdade, tive aulas de várias disciplinas com diferentes cursos. Desta maneira, fui colega de muitos estudantes. Sendo difícil, foi também uma grande vantagem para mim pela oportunidade de conviver, fazer amizades e criar laços com professores e alunos de várias culturas e línguas. Nota-se como a Faculdade se vai transformando numa escola que reflete um mundo cada vez mais global, sendo que outros passos poderiam ser dados para abraçar os desafios deste mundo mais plural.

Ao longo destes anos tens participado em atividades organizadas pela pastoral vocacional e juvenil. Como olhas para esse caminho e que dirias aos jovens de hoje?

É sempre uma alegria caminhar junto com os jovens! Sou produto duma pastoral vocacional e juvenil na minha paróquia de origem. Como



Batismo



Pais e irmão



Mãe e irmãos



Tomada de hábito



Com a Ir. Celestina, ssp

DADE AO FUTURO



Primeiros votos – Quezon City



Encontro de benfeitores – Tagaytay



Estudos filosóficos – Quezon City



Leitorado – Tagaytay



Missão em Mindoro – Indígenas Mangyan

a minha vocação própria se foi desenvolvendo num ambiente parecido, faço este acompanhamento com muito gosto! Sempre ouvi dizer que a sabedoria pertence aos mais velhos, mas acredito que os jovens também têm muita coisa para ensinar. É questão de entrar num mundo diferente e deixar que o Espírito Santo nos possa surpreender! Caríssimos jovens, não tenham medo! Vale a pena arriscar!

A comunidade filipina em Lisboa nutre um carinho especial por ti. Tendo por base essa tua relação,

como olhas para o trabalho com os migrantes na capital?

Tenho mesmo uma grande dívida de gratidão para com a comunidade filipina, cujo amor, carinho e ternura para comigo é muito grande! E não só com os filipinos, mas também com os outros migrantes que conheci nos vários momentos da minha vida em Lisboa.

A pastoral com os migrantes e refugiados é importantíssima; ela está no coração do Papa Francisco. É um grande desafio para os cristãos acompanhar os migrantes e refugiados.

A interculturalidade tem um acento forte na Congregação do Verbo Divino. O que é isso de interculturalidade? E porquê esta marca na Congregação?

A Congregação foi, desde os seus inícios, internacional e multicultural. Viviam juntos verbitas de diferentes nacionalidades, culturas e línguas. É significativa esta marca na tradição verbita, qual acento da unidade na diversidade do ser Igreja.

Naturalmente que é um desafio. Trata-se de um processo de convivência, aprendizagem e integração com pessoas de outras culturas, com tudo o que a identidade de cada um vai significando.

Estás a terminar um ciclo na tua vida. Três ou quatro palavras que descrevam este ciclo?

Louvor, gratidão, amor e graça!

E três ou quatro momentos marcantes?

Os convívios com os confrades verbitas e as Irmãs Servas do E. Santo; o

contacto com o povo português que foi acontecendo através de voluntariados que fiz com o grupo Diálogos e com os doentes e idosos no hospital de S. José e Desterro, assim como com outros seminaristas no Santuário de Fátima, os encontros com os pais e familiares dos confrades, os antigos alunos e amigos do Verbo Divino, as visitas pascais nas paróquias, as caminhadas vocacionais e encontros nacionais do Verbum Jovem; a pastoral com os migrantes em Lisboa; peregrinações a Fátima, a Santiago de Compostela e aos lugares das origens da Congregação.

Por onde passará o futuro? Que sonhos?

Há quem diga que sobre o futuro nada se sabe, mas sabe-se Quem carrega o futuro! É o Senhor! Sonhos, sim tenho muitos! Vou sonhando e entregando-me nas mãos de Deus! •

Profissão perpétua



A TEMPO E A DESTEMPO

A INDISPENSÁVEL SOLIDARIEDADE ENTRE GERAÇÕES

A solidariedade é a ternura dos povos.

Che Guevara



BERNARDINO SILVA
bernardino.silva@gmail.com

No atual contexto em que vivemos, a “solidariedade entre gerações”, apresenta-se-nos como um desafio global, mas com um compromisso individual. Não basta termos uma cidadania ativa interessada se esta não for participativa. O processo de desenvolvimento entre as gerações tem sentido e significado, porque o retrato social, nomeadamente o europeu, é evidente. Senão vejamos:

- O grupo das pessoas com 80 e mais anos desempenha um papel importante no aumento das pessoas idosas até 2030.

- O grupo das pessoas idosas continua a ser bastante feminino, mas o peso dessa representação tem tendência a diminuir nos próximos anos, o que terá implicações na prestação de cuidados.

- A ausência de apoio emocional afeta mais as pessoas idosas do que a população em geral. Esta tendência aumenta com a idade, em particular devido à saída do mercado de trabalho, à morte de amigos ou familiares diretos (como o cônjuge) e ao aumento das dificuldades em substituir essas relações sociais.

- A participação cívica tende a ser menor entre pessoas com idades mais avançadas e em especial nos países onde essa participação, em geral, também já é reduzida.

- Na maioria dos países, os idosos que vivem sozinhos encontram-se em maior risco de pobreza comparativamente aos restantes grupos.

- As más condições de habitabilidade

são significativas, pois é importante perceber que a má qualidade da habitação pode trazer entraves na prestação de cuidados em casa às pessoas idosas.

Por tudo isto, a temática do envelhecimento faz parte da Estratégia Europeia e é assumida como uma fragilidade da Europa que merece uma atenção particular. Contudo,

Quando procuramos ajudar, transformamos a sociedade.

as pessoas idosas possuem competências e experiências que podem e devem ser aproveitadas e rentabilizadas aos mais diversos níveis da nossa sociedade mas, para isso é fundamental assumir compromissos e operar algumas mudanças nos vários setores da sociedade. Temos uma nova oportunidade de procurar operacionalizar algumas das mudan-

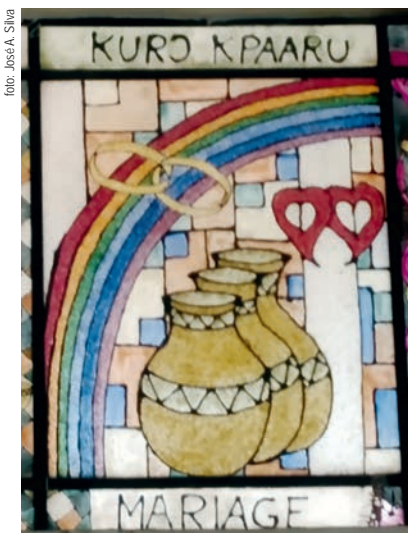
ças necessárias, sendo uma delas a vertente do voluntariado. A solidariedade é um dos fatores que movem os voluntários, contendo alguns aspetos que conferem grande importância a tal sentimento. Quando procuramos ajudar, transformamos a sociedade. Depende agora de nós marcarmos a diferença na nossa geração, independentemente da crise provocada pela pandemia da Covid-19. Até que haja uma vacina para a Covid-19 e que o processo de produção a massifique e imunize o planeta, ainda vamos ter de esperar algum tempo. Significa isso que os desafios que aí vêm são tremendos e vão exigir uma enorme capacidade de adaptação a todos nós, nomeadamente a indispensável solidariedade entre gerações. É o Mundo Novo, que nada parece ter de admirável. •

MARCAS DA MISSÃO NO TOGO E NO BENIM

JOSÉ ANTUNES

Em 1892 os missionários do Verbo Divino chegaram ao Togo, então uma colónia alemã na África ocidental. No decorrer da Primeira Guerra Mundial foram expulsos, mas hoje ainda podemos ver sinais da sua presença. As igrejas e as casas paroquiais construídas por eles há mais de um século erguem-se majestosamente em Lomé, Kpalimé, Atakpamé e Aného, inspiradas na arquitetura da igreja da casa missionária de Steyl.

A nossa Congregação regressou ao Togo em 1974 e, mais tarde, estabeleceu-se no vizinho Benim. Estive lá recentemente e pude ver como a presença da SVD contri-



bui de modo notável para o bem do povo desses dois países. Tive também a alegria de encontrar gente que recorda o excelente trabalho que três verbitas portuguesas ali desenvolveram.

No Togo, o P. António Lopes é recordado com carinho pelo trabalho pastoral na paróquia de Maria Theotokos em Agoényivé e pelo serviço no Instituto São Paulo, em

Via dei Verbiti



Lomé, onde tantos leigos recebem formação catequética e teológica.

A paróquia da Santíssima Trindade é uma das paróquias mais dinâmicas de Parakou, no Benim. A maioria das pessoas segue o Islão ou a religião tradicional africana, mas a relação entre cristãos e muçulmanos é boa, em comparação com alguns países vizinhos. Ao entrar na igreja, notamos imediatamente os vitrais, representando os sacramentos, rasgando as paredes laterais. No batistério, um vitral maior e mais elaborado representa o sacramento do Batismo. Os vitrais, assinalando as etapas da caminhada da fé cristã, foram feitos pelo P. José Maria Cardoso a partir de vidros reciclados. O padre José Maria é ainda o autor da porta principal e do tabernáculo. Alguns paroquianos disseram-me que, cobrindo toda a superfície detrás do altar, havia um fresco representando a Santíssima Trindade. Todavia, talvez por causa da incúria dos homens ou das intempéries do clima já não é possível apreciar essa obra de arte.

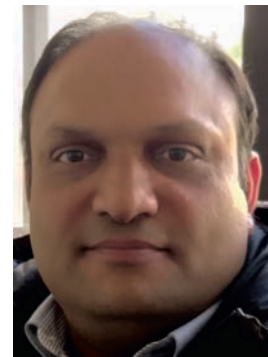
O P. Joaquim Domingos foi missionário em Badjoudé, também no Benim. Ele é lembrado como um missionário que trabalhou incansavelmente para mudar a mentalidade dos cristãos, habituados a receber todo o tipo de ajuda do estrangeiro. Lutou para que tomassem consciência de que eles é que são a Igreja e devem contribuir para o crescimento e a manutenção da missão.

Nesta viagem ao Togo e ao Benim pude constatar que os missionários do passado e do presente deixam marcas não só na paisagem e nos edifícios, mas sobretudo no coração e na vida das pessoas e das comunidades. •

OUTROS OLHARES

DO ORIENTE AO OCIDENTE

SEBASTIÃO JOSEPH



Durante os primeiros oito anos do meu serviço missionário em Portugal, dediquei-me essencialmente a visitar as escolas na região de Tortosendo/Covilhã. Falei de Jesus, falei da missão aos alunos de Religião e Moral, fiz com que muitas crianças e jovens viessem visitar o Seminário do Verbo Divino em Tortosendo. Organizei vários encontros de jovens e de crianças. Não vi resultados imediatos, mas

a imagem de um missionário *indiano* ficou, e vai ficar na memória de alguns.

Naquela altura, fui sendo introduzido na pastoral paroquial. Olhava para essa dimensão como um campo aberto para despertar as vocações na juventude. Acompanhavam-me as palavras de Santa Teresa de Calcutá: “Deus não nos obriga a ter sucesso, só requer que se tente”.

Hoje, passados mais de nove anos na pastoral paroquial na região de Nisa (diocese de Portalegre-Castelo Branco) e nas paróquias de Minde e Serra de Santo António (diocese de Leiria-Fátima), recordo o apóstolo do Oriente, São Francisco Xavier que, com dez anos de anúncio da Palavra, fez com que milhares de pessoas abraçassem a fé cristã. Depois deste tempo percorrido em missão, cheguei à conclusão de que se toco ou não uma multidão, é uma questão irrelevante. O que interessa é que seja missionário de alma e coração. O testemunho vale muito mais que todas as nossas palavras.

Ir ao mar e contar as ondas é diferente de ir e mergulhar na água. Esta última é uma experiência, é sentir. Ir à igreja por ir e ver tudo o que por lá se passa é superficial e acaba por não ser duradouro. Mas ir à igreja para o encontro com o Senhor, é uma experiência, é sentir, é viver. Jamais perderá o interesse. O desafio missionário em Portugal, a meu ver, é precisamente esse: levar as pessoas a uma experiência pessoal com Deus. •

MISSÃO E VOCAÇÃO

BÍBLIA

JOAQUIM DOMINGOS LUÍS

OS PILARES DA COMUNIDADE CRISTÃ SEGUNDO MATEUS



O evangelho de Mateus dirige-se a cristãos de origem judaica, pertencentes à segunda geração de crentes. Com a passagem do tempo e o retardar da segunda vinda do Senhor, estavam a relaxar os costumes, perdiam o entusiasmo e tomavam estilos de vida pouco condizentes com uma comunidade de discípulos de Jesus.

Entre eles existiam tensões e problemas de conveniência: havia irmãos que lutavam por conseguir os primeiros postos (Mt 23, 8-12); outros que eram motivo de escândalo (Mt 18, 6); havia falta de atenção aos mais débeis (Mt 18, 10), ofensas comunitárias e pessoais (Mt 18, 15-35).

Mateus, recordando os ensinamentos de Jesus, propõe um modelo de comunidade válido para os cristãos de todos os tempos, que tem como pilares a solicitude pelos mais pequenos e o perdão sem limites.

A solicitude pelos mais pequenos

Quando o evangelista propõe a atenção aos mais pequenos, está a referir-se aos irmãos da comunidade que eram como crianças ou porque a sua fé era ainda frágil, ou porque se haviam feito como meninos renunciando aos primeiros postos e ao poder. A tentação de alguns da comunidade era prescindir destes membros.

Neste contexto, Mateus ensina que a tentação de ser o “maior”, de exercer o domínio sobre os outros, não está de acordo com o estilo de Jesus. A comunidade não pode cair na tentação de estabelecer-se nas estruturas de poder e prestígio que existem no mundo. Deve reagir contra ela, fazendo-se pequena como uma criança (Mt 18, 1-4) e mostrando a sua solicitude pelas “crianças”: os pobres, os débeis, os humildes... evitar que se percam (Mt 18, 12-14); não desprezá-los (Mt 18, 10) ou escandalizá-los

(Mt 18, 6) são atitudes concretas encaminhadas para pôr em prática o projecto do Reino.

O perdão sem limites

O segundo pilar no modelo de fraternidade que Mateus propõe à sua comunidade é a reconciliação (Mt 18, 15-35).

A palavra *per-dão* significa perfeição no dom, plenitude na entrega. Jesus foi mais além da lei de talião (Ex 21, 23-25) “A quem te bate numa das faces, oferece-lhe também a outra” (Mt 5, 39). Não te digo que perdoes sete vezes, mas setenta vezes sete (Mt 18, 21). O maior exemplo de perdão é a misericórdia do Pai, que nos torna capazes de perdoar aos nossos irmãos (Mt 18, 33). Nele está a perfeição do dom, o “*per-dão*”.

Os ensinamentos de Mateus à sua comunidade continuam a ser importantes para nós hoje. •

DISCERNIMENTO VOCACIONAL

DAMIÃO LELO



A vocação é um acontecimento que torna indispensável a resposta do ser humano a Deus que desafia. O chamamento de Deus acontece através de sinais humanos. Emerge no espaço quotidiano, no território vivencial. Pressupõe aquilo que é «humano» – afetos, emoções, desejo, inteligência, vontade, liberdade. Deus acende no coração humano uma claridade luminosa.

Como podemos discernir verdadeiramente os sinais que nos desencadeiam?

Em primeiro lugar, escutar e concentrar-se no impulso interior. Santo Arnaldo Janssen afirma que “quando se tem o desejo de se deixar guiar inteiramente pela vontade de Deus e, com frequência se lhe pede luz, Ele mesmo cria em nós um forte impulso interior de agir de determinada maneira e não de outra”. Se prestarmos atenção, surge em nós “uma claridade luminosa que nos indica que caminho devemos seguir”, alega Santo Arnaldo Janssen.

Em segundo lugar, dialogar com as outras pessoas. Acolher o conselho, as informações de outras pessoas – dignas de crédito – é um passo fundamental. As palavras dos outros são como *E-mail*, *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, *TikTok*, onde Deus quer transmitir a sua mensagem. Santo Arnaldo Janssen, na sua vida, consultou outras pessoas, enquanto forma de captar a vontade de Deus. “Posso assegurar que faço para não cair em erros. Para este fim reflito muito, recolho muitas informações e consulto outras pessoas. É assim que procuro reconhecer a vontade de Deus”.

Em terceiro lugar, ver a situação vigente e agir. As



circunstâncias da vida que nos envolvem são um caminho para reconhecer e captar o que Deus quer de nós. “A vontade de Deus deduz-se normalmente e, quase de forma exclusiva, das circunstâncias”, diz Santo Arnaldo Janssen.

Em quarto lugar, rezar. A oração é uma *arma* que nos leva a decidir bem. Permite-nos que abandonemos o nosso ponto de vista e que floresça em nós a vontade de Deus. Na oração, crucial é confiar e pedir humilde e gratuitamente. Deus interpela-nos, porque confia em nós para desempenharmos uma missão. A confiança e a súplica gratuita são a chave que nos permite abrir o cofre do tesouro da vocação. •

Contacto svd RECOMENDA

EMÍLIA MOURA



TENHO UMA ALDEIA DENTRO DE MIM

«Pode não ser um rio segundo os cânones, mas é o meu rio. E isso faz dele o Tejo ou o Ganges do meu coração! Há tanta generosidade neste meu rio; tanta capacidade de se ultrapassar, gerada no ventre da montanha, à esquerda de Junceda, onde a nascente está continuamente a espremer-se para que a vida se entenda em quilómetros difíceis.»
João Aguiar Campos

Rio abaixo...

Rega as raízes que sustentam a amizade e a proximidade das pessoas que nos habitam;

Rega os laços que nos integram numa outra terra sem nos desintegrarmos da nossa;

Rega os campos da aldeia que temos dentro de nós, povoada de rostos e doces memórias;

Rega o nosso coração, onde guardamos as impressões digitais de cada rua, caminho, atalhos;

Rega os sentimentos pelas pessoas que ainda poderiam estar nos lugares desocupados da aldeia;

Rega histórias nascidas e criadas no berço dos contos, nas noites de inverno, à lareira;

Rega as palavras que até limitam a beleza da nossa aldeia, quando a queremos dizer aos outros;

Rega o leito por onde caminhamos com tudo o que isso representa de oportunidades;

Longe da nossa aldeia..., sentimo-nos sedentos da água do nosso rio. •

OPINIÃO

COMO A SEMENTE NO INVERNO



JORGE FERNANDES
jfernandes1875@gmail.com

Vivemos numa cultura da impaciência. Tudo tem de acontecer aqui e agora. As nossas reais necessidades e os nossos caprichos não gostam de ficar na sala de espera. Quem não perdeu o contacto com a natureza sabe que o semeador lança a semente à terra após as primeiras chuvas do outono, espera um longo inverno e, depois, no fim da primavera, procede à ceifa. Hoje vivemos num tempo em que, cada manhã, temos o saco com o pão à porta de casa.

As semanas de inverno podem ajudar-nos a fazer um percurso espiritual que nos ajuda a ter uma vida mais saudável. O inverno convida a desacelerar os ritmos, que trazíamos do verão. A própria natureza retrai-se e deixou sinais de morte no outono, mas tudo isso nos prepara para uma explosão de vida nos meses primaveris. O inverno ensina-nos a delicada arte de saber esperar.

Na consciência do homem do nosso tempo, Deus ocultou-se. A própria Teologia o reconhece e já não vê

Deus habitando por toda a parte e ao alcance da mão. A experiência das grandes tragédias – como a que vivemos neste ano com o Coronavírus – levanta sempre a questão posta pelos crentes nos campos de extermínio nazi: “E Deus, onde estava?” A função de Deus como Maestro da Criação é questionada pelos vários ramos da ciência. A própria linguagem da Teologia tornou-se crítica, sóbria e cautelosa.

Nem os crentes nem os não-crentes podem hoje ambicionar possuir toda a verdade.

Nós, crentes, não podemos pôr entre aspas a existência de Deus. Desmornar-se-iam os alicerces da fé e de toda a prática religiosa. Mas somos convidados a não sermos banais, levianos e irresponsáveis na hora de articularmos o Santíssimo Nome de Deus. Ele está a um nível mais profundo do que se pensava em tempos idos. E acaba de cumprir-se a palavra de Pascal: *“Há luz suficiente para aqueles que apenas desejam ver, e escuridão suficiente para aqueles que têm uma disposição contrária.”*

Trata-se efetivamente de optar, se quisermos entender a fé como um ato de livre adesão a Deus. Nem os crentes nem os não-crentes podem hoje ambicionar possuir toda a ver-

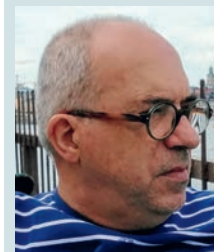
dade. Deus permanece oculto para os que O negam e para os que afirmam a sua existência. É por essa razão que não faz sentido entrar em guerras de caráter religioso. Todos nós conhecemos pessoas sinceras e intelectualmente honestas que não têm uma confissão religiosa. O Vaticano II mandou-nos respeitá-las e entrar em diálogo com esses buscadores da fé.

É compreensível que todo o discurso sobre o eclipse ou o ocultamento de Deus pareça lúgubre, triste e desencorajador. A nós agradaria lançar mão de grandes certezas. E ter resposta para todas as questões. Não é fácil seguir o caminho de Abraão para o Monte Moriá, onde, com o filho, iriam ser sacrificadas todas as suas certezas. Em vez de entrar de forma paciente e contemplativa nas profundezas do silêncio de Deus – como fez Abraão – muitos sentem a tentação de gritar ruidosamente que Ele não existe.

Quem seguiu o caminho de Abraão e se dispôs a sacrificar todas as certezas, não saiu desiludido. Na hora oportuna, Deus devolveu-lhes a esperança e desceram do monte radiantes de alegria. Descobriram Deus a uma profundidade que nem imaginavam... Como o fizeram os místicos de todos os tempos. Como a semente lançada à terra e necessitada de um longo inverno, eles ressurgiram numa primavera portadora de nova vida. •

QUE É FEITO DE TI

JOSÉ MIGUEL TEODORO



O padre da batina negra apresentou-se em São Vicente da Beira, concelho de Castelo Branco, no princípio do verão. Apeado de um automóvel Volkswagen cinzento claro, no regresso, o Padre Lúcio levava 5 promessas de vocações para a turma do 1º ano de 1964/65, no Seminário do Verbo Divino, no Tortosendo.

Durante quatro anos e meio, fui o 217, e, nessa qualidade, escuteiro, sacristão e ajudante de missa, cantor e, no geral, aluno de desempenho razoável-para-bom. Destaques desse período: uma pessoa – o padre Conrado; um livro – Sem Família, de Victor Malot; um professor – Abílio; um momento – as calças-à-boca-de-sino estreadas em 1969; uma circunstância – a expulsão, no Carnaval de 1970; uma curiosidade – os estimulantes livros-enciclopédia, na sala de estudo, em que deuses e heróis clássicos “vestiam” calções desenhados a tinta preta ou azul, a mesma das faixas que cobriam os peitos e outras graças de Heras e Afrodites.

Depois, trabalho aos 16 anos, uma paixão aos 19 pela mãe da Joana, ainda vigente, outra pela História, que desembocou em licenciatura e mais tarde doutoramento, e pelos livros, com uma pós-graduação de bibliotecário, o 25 de Abril aos 20 anos... etc., etc., stop, para responder, afinal, à pergunta “O que é feito de ti?”

Consumada a carreira profissional de gestão e marketing, na PT, a de ensino ainda permanece. No mais, a paixão pela investigação (a Biblioteca Nacional e a Torre do Tombo como segundas casas), uma prática da escrita (alguma editada, como No Tempo dos Avós mais Velhos, Abarebebê – tão rápido como um beija-flor, e Por Alturas do Cristo-Rei, em Almada, e outra que ainda há de ser, como a tese de doutoramento, e Livros com Pernas, título ainda provisório), e, mais recentemente, o exercício de livreiro, de portas abertas em www.daFRAGA.net.

Foi um gosto!

António Pinto (responsável por esta coluna)

CRISTÃOS ADULADORES DO PODER



DOMINGOS SOUSA
d.sousa1@hotmail.com

Em junho, muitos terão visto a cena indecorosa de um personagem político a posar com uma bíblia na mão em frente de uma igreja, após haver ordenado a dispersão de um grupo de manifestantes com gás lacrimogéneo. Deste personagem tudo se pode esperar e nada nos deve surpreender.

O que surpreende e choca é ver a forma como cristãos adulam este personagem. Um jovem conta a reação da sua mãe à transmissão em direto da referida cena. “A minha mãe logo gritou: Deus, dá-lhe força. Ele está a fazer a ‘marcha de Jericó’.”

A expressão ‘marcha de Jericó’ refere-se a uma passagem do livro de Josué, em que Deus ordenou ao povo de Israel que marchasse sete vezes ao redor da cidade de Jericó, em virtude do qual resultou o derrube das muralhas e a conquista da cidade. O filho continua: “A minha mãe começou a chorar e a falar em línguas. Não lhe havia escutado falar em línguas há muitos anos”. No final diz: “Olhem para o meu presidente! Ele está a estabelecer o Reino de Deus no mundo”.

O filho, também muito comovido com a cena, colocou no seu perfil de Facebook a foto do personagem político com a Bíblia na mão, retocando-a com raios de luz a emanar do livro sagrado. Não tardará muito que lhe atribuirão qualquer outro portento. É com o apoio fervoroso destes cristãos que esse personagem político acedeu ao poder e apressar-se-á, assim, a instauração do Reino de Deus. Perante a manifestação de tão portentosos sinais, a chegada do Reino de Deus está ao virar da esquina.

Mas não se pense que a adulação ao referido personagem político se observa apenas entre cristãos de Igrejas pentecostais. Também se verifica entre figuras eminentes da

Repugna ver uma tão eminente figura colocar o poder e o dinheiro acima dos valores evangélicos.

Igreja Católica. Em abril, no final de uma conferência online com representantes da Igreja, o personagem político dirigiu-se ao cardeal e arcebispo de Nova York, como um grande amigo seu. O arcebispo retribuiu, dizendo que “os sentimentos entre eles são mútuos”. Havendo o personagem político manifestado o desejo de assistir à missa online transmitida da catedral, o arcebispo, recorrendo à lisonja, refere no início da eucaristia que o “nosso vizinho da rua próxima” está a assistir

à celebração e invoca S. Paulo, que exorta os cristãos a rezarem pelos seus líderes.

Mais tarde, aparece no canal televisivo Fox News a felicitar a sua liderança na resposta à epidemia do coronavírus. “Todos têm estado bem”, assevera o arcebispo, “mas o presidente mostra-se particularmente sensível àquilo, como poderei expressar, ... aos sentimentos da comunidade religiosa”. Noutra ocasião, em jeito de piada, diz que tem falado mais com o presidente do que com a sua mãe. Qual a razão de toda esta bajulação? Das duras críticas de que foi alvo, depreende-se que o servilismo demonstrado pelo arcebispo parece ter por finalidade a obtenção de apoio financeiro para as instituições católicas. Ele próprio deixa entrever o que o move: “Obtivemos doadores heroicos e a promessa dos nossos líderes e, como disse, especialmente do nosso presidente, que demonstrou solicitude para as escolas católicas, caridades católicas e saúde pública católica”. Repugna ver uma tão eminente figura colocar o poder e o dinheiro acima dos valores evangélicos que deveria defender, alguém que, professando a fé n’Aquele que pagou com a vida por se atrever a derrubar os muros da inimizade entre os homens, presta vassalagem a um personagem político que erige muros para separar pessoas, semeando, por toda a parte, ódio e discórdia. Assim se trai a causa do evangelho e se perde credibilidade e autoridade moral. •

OLHARES

MISSÃO É ERGUER O OLHAR

ANTÓNIO LOPES, SVD
Diretor Nacional OMP
Publicação MissãoPress



A pandemia Covid-19 veio perturbar a nossa vida quotidiana. Escolas fechadas, teletrabalho, encontros desportivos anulados, viagens turísticas adiadas, lares fechados, igrejas vazias... Para muitas pessoas foi, e é, um período assustador, de incerteza, de dor e sofrimento.

Por preocupação de saúde pública, as medidas governamentais restringiram ao mínimo as saídas e impediram os encontros. Respeitamos essas medidas. É por isso que neste ano de 2020 não terão lugar as Jornadas Missionárias.

Apesar de tudo, continuamos a ser uma "Igreja em saída". Nas redes sociais, foram propostas leituras, vídeos, conversas, horas de oração, ações solidárias... Houve criatividade em abundância. Não ficámos frios. O calor fraterno do Espírito foi-se manifestando de diversas formas, sublinhando tonalidades e necessidades na maneira de seguir Jesus sempre surpreendente, atual e necessária. Tivemos, talvez pela primeira vez, o sentido mais apurado de saber que pertencemos a uma família solidária. Sentimos que não estamos sozinhos. Sentimos até mais próximos os vizinhos, os "santos" que moram na porta ao lado. Os meios tecnológicos fizeram-nos aproximar e o abraço, o físico que temos guardado para melhores dias, foi alargado até aos confins do mundo.

Apesar da pandemia, e de todas as

fragilidades que ela acarreta, a nossa missão continua; o amor fraterno continua; a oração continua. É ela que nos recorda que quem transmite à missão da Igreja o seu delineamento mais íntimo é o Espírito Santo e não as consequências das nossas reflexões e intenções.

É isso que o Papa Francisco lembra às Obras Missionárias Pontifícias, dizendo que temos de assumir a realidade com paixão transformadora; essa paixão que move o coração e os braços para fazer face a todo o sofrimento e possa brotar a esperança. Há verbos de Missão que parecem adquirir nova originalidade impulsionadora: aprender, testemunhar, sair, transmitir, agradecer, inovar... é como se o Espírito viesse insistindo que estes tempos necessitam compromisso, gestos, vitalidade, novidade.

Novidade da Fé inseparável da beleza criada, aquela que as nossas mãos não podem criar, mas podem ajudar a florescer. Uma Fé que nos reconstrói por dentro, essa que nasce de Deus, e por isso tem sabor a eternidade. Tão diferente daquela fé que nasce dos aplausos. Essa vive apenas do eco, do ruído das adulações e, quando cessam, morre. É o momento propício para erguer o olhar e aprender a viver e a agradecer sem nos deixarmos levar por saudosismos de um passado que já não volta. Estejamos atentos, pois a missão é estar dispostos a inaugurar novos caminhos que consistem em aprender a escutar, a contemplar as novas realidades que nos permitam penetrar na profundidade da vida e encontrar as coordenadas humanas e divinas da sua própria existência, dando-lhe um toque novo para quando escutarmos: "Quem enviarei?" Podermos responder: "Eis-me aqui, envia-me". •

MISSAS PELOS BENFEITORES

Nos inícios de cada mês será celebrada uma Santa Missa pelas intenções dos benfeitores vivos e uma outra pela alma dos benfeitores falecidos.

MANEIRA DE COLABORAR COM A MISSÃO



Também você poderá ajudar os missionários, enviando pedidos de intenções de missas e trintários gregorianos. Desta maneira estará a contribuir para a subsistência dos missionários. Bem haja!

Secretariado Missionário do Verbo Divino
Rotunda dos Peregrinos, 101
2495-412 Fátima
☎ 249 534 116
@ proc.missoes.fatima@verbodivino.pt



CONFINADOS, MAS NÃO CONDENADOS

PAULO CARDOSO

Muitos de nós, cristãos e não cristãos, apercebemo-nos de como os acontecimentos evoluíram desde que, em inícios deste ano, um vírus entrou na nossa vida e paralisou o mundo inteiro. Seu nome: COVID-19.

Acredito que todos nós, uns mais que outros, nos demos conta da nossa fragilidade, vulnerabilidade e impotência perante um organismo que não conseguimos ver nem sentir, mas que nos colocou em estado de alerta. Ficamos confinados em casa. Longe de tudo e de todos, o essencial veio ao de cima. Como cristão, devo dizer que senti

Para mim, as demonstrações de carinho e amizade sempre envolveram contacto físico. Perante este vírus, sentia-me "amputado"!

No início, tive bastante vontade de prosseguir, sem medo, cumprimentando os que me eram mais próximos. Mas, perante a rápida evolução dos acontecimentos, comecei a questionar a racionalidade, a razoabilidade e até a justiça desta minha posição e passei a ser muito mais contido nos afetos, mantendo as distâncias recomendadas.

Tenho-me interrogado, frequentemente,



os efeitos indiretos desta pandemia de uma forma gradual. O ser cristão não é nenhum "escudo de proteção", mas pode apontar e iluminar caminhos neste tempo de pandemia.

Desde que a COVID-19 chegou a Portugal, tive algumas dúvidas que abalararam a minha fé em Deus, sobretudo na forma como eu deveria enfrentar esta realidade, o meu relacionamento com os outros. As igrejas fecharam, provocando um sentimento de orfandade.

te, sobre as consequências futuras destes distanciamentos sociais, bem como das demonstrações de afeto, tão condicionadas. Sinceramente, acredito que, no futuro, os afetos ressurjam, talvez ainda mais fortalecidos do que antes. O amor de Deus será a grande fonte inspiradora e o grande impulsionador da nova e desejada era. Marcas...aprendizagens...novos tempos. •

ASSINATURAS

O custo da assinatura anual de *Contacto svd* é de 4,00€
O último ano pago está indicado na folha do endereço.

Para fazer a transferência bancária

IBAN: PT500010 0000 0251971000178 (Seminário M Verbo Divino)

Para qualquer esclarecimento suplementar contactar o Secretariado

Missionário do Verbo Divino - Tel. 249 534 116 - Brigite Martins

E-mail: proc.missoes.fatima@verbodivino.pt

A Administração de *Contacto svd*

NOVAS ASSINATURAS

Porque queremos servir melhor a Missão...
Ajude-nos com o envio de **novas assinaturas.**

Nome: _____

Morada: _____

Código Postal: _____ - _____

Data nascimento: ____ / ____ / ____ ☎

@ _____ (Assinatura 4,00€)

Secretariado Missionário do Verbo Divino
Rotunda dos Peregrinos, 101 * 2495-412 FÁTIMA
☎ 249 534 116 * @proc.missoes.fatima@verbodivino.pt
PT50 0010 0000 0251 9710 0017 8

Autorizo o tratamento dos dados indicados para o fim a que se destinam e para a divulgação de publicações da Congregação do Verbo Divino.

MISSÃO POR LÁ

“MOÇAMBIQUE NOSSA TERRA GLORIOSA”

O dia 25 de junho marcou as celebrações dos 45 anos da independência de Moçambique. O título deste texto pertence ao hino de Moçambique que, naquele dia, foi entoado de norte a sul do país. Foi celebrada a conquista da independência, mas foi também um momento de reflexão e lamento. Além da pandemia da covid-19, Moçambique passa por uma situação de violência no centro e norte do país.

Em outubro de 2017 teve início uma onda de ataques de grupos armados, criando pânico e vítimas mortais, nos distritos ao norte da província de Cabo Delgado. Nos primeiros meses deste ano, atingiu também os distritos do centro. Consequências destes ataques são mais de 1.100 mortos, pânico e medo, fuga para o mato e mais de 200.000 deslocados. Em abril, a polícia divulgou a morte de 52 jovens que ofereceram resistência ao recrutamento das milícias.

Na província de Cabo Delgado foram descobertas muitas riquezas minerais, o que tem levado grandes corporações multinacionais a propor projetos de exploração e desenvolvimento. Estas riquezas têm despertado o interesse do governo e dos seus líderes, bem como de outros grupos além fronteira. O povo está a “ver navios” e a enfrentar uma situação de “guerra”.

Na sua última Assembleia (9 a 13 de junho), os Bispos de Moçambique emitiram uma mensagem dirigida em particular aos fiéis de Cabo Delgado que, durante três anos, têm sido víti-

mas de ataques por parte das auto-denominadas milícias islâmicas de países vizinhos ou rebeldes internos. Esta mensagem vem em apoio ao bispo de Pemba, D. Luiz Fernando Lisboa. Ele tem sido a voz que clama, denunciando a situação que vive o povo de Cabo Delgado. Diz que “não se percebe em rigor o que pretendem estes grupos armados, admitindo que por trás destes ataques esteja a conjugação de vários interesses: económicos, étnicos e religiosos”. Ao mesmo tempo que sofre ataque de alguns órgãos de comunicação, o bispo lança ao mundo um apelo para que se reforce a ajuda humanitária e a solidariedade internacional. O “medo”, esse, comanda a vida em Cabo Delgado, afirma D. Luiz.

No princípio, as pessoas fugiam para o mato e tentavam regressar, mas quando viam que as suas casas e machambas tinham sido destruídas, buscavam apoio junto de familiares ou amigos que vivem na capital ou nos distritos não afetados pela violência dentro da província ou nas províncias vizinhas.

A situação dos deslocados é de calamidade. Muitos fugiram apenas com a roupa que levavam vestida, e na maioria são crianças e mulheres. “Há casas que acolhem até 20/30 pessoas e com elas partilham a pouca comida que têm, onde o telhado e as varandas não chegam para resguardar toda a gente”.

As paróquias da nossa diocese, vizinhas de Cabo Delgado, ou que ficam

ao longo da estrada que liga Nacala a Pemba, estão a receber essas pessoas. Os cristãos de toda a diocese estão a ajudar a mitigar as necessidades básicas mais imediatas. Mas não sabemos até quando, pois a produção este ano foi fraca. As Cáritas diocesanas estão empenhadas

em conseguir apoio, seja local ou internacional. Como comunidades do Verbo Divino e Servas do Espírito Santo procuramos mobilizar os cristãos das nossas paróquias e recursos próprios para o auxílio mais imediato. •



Esteiras oferecidas pelas paróquias SVD



Entrega de produtos a uma família de deslocados na paróquia SVD Monapo

FORTALECER A NOSSA FÉ - ARGENTINA

Jovens da Prelatura de Humahuca (Jujuy, Argentina), comprometidos com a missão recebida, visitam as famílias de diversas comunidades rurais afetadas pelo isolamento e perda de trabalho. Em muitas situações, entregam elementos de primeira necessidade.

Simultaneamente, em consonância com a palavra do Papa Francisco, “ninguém se salva sozinho”, vão criando espaços para escutar e acompanhar. São gestos que ajudam a fortalecer a fé em tempos em que, como diz a professora Maria del Carmen Sosa, “um vírus tenta afastar-nos do Deus da Vida”.



ANGOLA

O P. Daniel Malamba é o Superior Provincial dos Missionários do Verbo Divino, em Angola. Um desafio abraçado para os próximos três anos.

Dizia-nos o P. Malamba que são quatro os eixos da sua liderança para este triénio: comunicação, formação, que todos se sintam responsáveis pela vida da Província, promoção das dimensões características da Congregação.

A dimensão bíblica será aquela que terá mais ênfase, sendo que o Provincial espera ver realizado um projeto que habita no seu coração.

O Provincial é acompanhado pelos seus conselheiros: Cristóvão Ziarnowski, Francisco Lumuungano, Emílio Kalka e José Marcelino.



Colaboradores

Moacir Rudnick, Moçambique / Daniel Malamba, Angola / Liliana Barrios, Argentina